

Entrevista com Nelson Dácio Tomazi²⁰

Realizada por Roniel Sampaio Silva²¹

Nelson Dácio Tomazi é pesquisador e autor de bem conhecido no Brasil por sua atuação na área de ensino de Sociologia. Publicou vários livros na área da sociologia, dentre eles um dos livros didáticos de sociologia mais adotados no Ensino Médio brasileiro. Tomazi vem participando de várias discussões relacionadas à temática. A revista Café com sociologia tem a satisfação de entrevistá-lo nesta primeira edição.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: Preliminarmente, gostaria que o senhor falasse um pouco da sua trajetória como pesquisador, professor e autor, assim como um pouco do contexto em que viveu e de como sua trajetória pessoal e social influenciou na escolha da carreira nas ciências sociais.

TOMAZI: Sou de uma geração, a chamada geração 68, que tinha nos livros, na música e no cinema suas principais fontes de formação cultural, além da formação escolar básica. A televisão neste momento era quase inexistente. Além do mais, esta geração, basicamente urbana e que tinha acesso à informação, participou de uma forma ou de outra, no processo de contestação mundial em que a juventude teve um papel significativo. Isso foi muito importante para a minha vida, pois foi assim que

²⁰Nelson Dácio Tomazi possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (1972), mestrado em História Assis pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1988) e doutorado em História pela Universidade Federal do Paraná (1996). Foi professor de Sociologia, Ciência Política e Metodologia e Técnica de Pesquisa na Universidade Estadual de Londrina e na Universidade Federal do Paraná na graduação e pós-graduação. Atualmente é professor aposentado dedicando-se a escrever e implementar ações que visem a efetiva implantação com qualidade da sociologia no ensino médio. Tem experiência na área de Sociologia, de Metodologia e Técnicas de Pesquisa, atuando principalmente nos seguintes temas: sociologia, ensino de sociologia, ensino médio, ciências sociais e história. Concedeu entrevista a esta revista em novembro de 2012.

²¹Possui bacharelado e licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí, atualmente é docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia.

aprendi que devemos apostar e lutar por aquilo que acreditamos. É neste contexto e na luta contra a ditadura no Brasil que resolvi fazer Ciências Sociais

Além disso, a questão educacional, neste período, era uma das que estavam em pauta no contexto das discussões políticas entre os jovens. Entre as várias alternativas, o curso de Ciências Sociais, era o que mais se adequava às minhas aspirações e assim fiz o vestibular junto com outros amigos e no início de 1969 reiniciava meus estudos na Universidade Federal do Paraná. É bom lembrar que este curso era um dos mais concorridos nas principais universidades do país.

Iniciei meu curso de Ciências Sociais em 1969 e terminei em 1972, na UFPR, ou seja, comecei depois da edição do Ato Institucional nº 5 (13-12-1968) que abolia todas as garantias individuais, pois era possível ser preso pela simples vontade de qualquer agente da repressão, pelas razões as mais diversas. Vivíamos sempre em guarda, pois alunos eram presos, às vezes através de denúncias de alguns professores da UFPR. Mesmo assim continuávamos lutando por melhores condições de ensino e contra toda a forma de opressão dentro da universidade.

O curso de Ciências Sociais na UFPR não era um dos melhores, pois seus professores, com poucas e raras exceções, tinham uma formação conservadora e sem uma base teórica significativa. Entretanto isso era contrabalanceado por eventos (palestras, mini-cursos, etc.) que nos traziam novidades e nos abasteciam teoricamente. Foi assim que tivemos contato com professores como Maria Izaura Pereira de Queiroz, Mauricio Tragtenberg, Octavio Ianni, Gabriel Cohn, José de Souza Martins, entre outros. Além disso, estudávamos por conta, em grupo ou pessoalmente, lendo os principais sociólogos de então, além dos clássicos nos poucos livros que tínhamos acesso. Marx e os marxistas eram lidos através de manuais e de alguns poucos livros à disposição, sempre escondidos.

Um fato importante deve ser apontado. Nós estudávamos na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ou seja, em uma instituição que congregava todos os cursos de licenciaturas na mesma unidade universitária. Assim tínhamos contato com o pessoal da matemática, da biologia, da física, da química, da genética, das letras e das

artes, além da história, filosofia e geografia. Participávamos de palestras e conferências destas outras áreas e assim podíamos compreender como a questão educacional era algo que envolvia todas as ciências e não só as ciências sociais. Não havia esta segmentação tão rígida que se vê hoje em dia. Isso permitiu ter uma formação mais ampla que aquela específica do curso.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: É possível que o senhor tenha vivido a sociologia em três grandes contextos políticos e sociais da História do Brasil: a ditadura militar, o período de redemocratização e o atual período de consolidação da democracia. Como o senhor analisa o ensino de sociologia nestes três contextos a partir da experiência que teve?

TOMAZI: Como disse acima, fiz o meu curso no pior momento da ditadura no Brasil, os chamados “anos de chumbo”, mas apesar disso, era possível ler, por conta própria, todos os clássicos da sociologia, pois pouco ou quase nada, se lia deles na UFPR. Para se ter uma ideia, nós tínhamos uma professora de sociologia que utilizava uma apostila, ou um livrinho que ela mesma havia produzido e que era de péssima qualidade teórica. Não se exigia a leitura direta dos clássicos. Em Sociologia a nossa turma teve somente uma disciplina que nos introduziu na leitura dos clássicos, e foi no último ano, em 1972 com a professora Lia Zanotta Machado, contratada para ministrar parte desta disciplina. Foi o que nos salvou e nos deu direção para seguir adiante.

Em 1975, fui contratado pela UEL – Universidade Estadual de Londrina – e nela permaneci até 2005 quando me aposentei. Até 1985 não era muito fácil ensinar Sociologia e Ciência Política (disciplinas que ministrei neste período), pois havia uma vigilância constante, inclusive através de alunos (ligados aos órgãos da repressão na UEL) em todas as salas de aula, até o fato de alguns professores serem chamados a dar explicações sobre o conteúdo de suas aulas.

A chamada redemocratização é algo para se repensar, pois como dizia Florestan Fernandes, para haver redemocratização é necessário que tenha havido antes a democratização, e neste sentido, a sociedade brasileira nunca viveu uma democracia

de fato, mas apenas institucional de modo precário, com poucos períodos onde foi possível a participação popular sem repressão.

Mesmo assim, após 1985 a situação foi melhorando e houve, pois a vigilância diminuiu e isso possibilitou maior liberdade para trabalhar.

Hoje se pode afirmar que há plena liberdade para se ensinar sociologia em todos os níveis, mas ainda de forma velada, e às vezes até aberta, ainda aparecem autoridades locais ou regionais que tentam censurar este ou aquele professor. São casos isolados, mas existem.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: Durante a implantação da disciplina de sociologia no currículo houve algumas resistências por parte de alguns segmentos da mídia. Uma das principais acusações seria, e tem sido, o fato da disciplina estar sendo usada como espaço de produção de ideologias de grupos de esquerda. O senhor concorda com tais acusações? Em sua opinião, qual o papel do professor de sociologia neste contexto?

TOMAZI: Penso que não devemos nos preocupar com a mídia nacional, principalmente os grandes veículos da imprensa e televisão, pois estão nas mãos de conservadores que não pretendem mudar a situação em que vivemos. Quando pensam em mudar sempre procuram ver como podem lucrar com isso. Quando atacam a sociologia e a filosofia é porque não querem que as pessoas pensem criticamente ou talvez que nem pensem ou reflitam sobre a realidade em que vivem. Responder a estes órgãos da imprensa é dar-lhes crédito. O nosso maior problema é com aqueles que, dentro das universidades, e até em nossos cursos de ciências sociais, não apoiam a presença da sociologia e da filosofia no EM.

O papel do professor de sociologia no EM é fazer com que os alunos possam ter a autonomia para pensar e refletir por própria conta a situação em que vivem. Ou seja, dar-lhes a oportunidade de se livrarem do pensamento mágico e do senso-comum.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: Nos últimos anos o senhor tem se dedicado a percorrer o Brasil proferindo palestras, oficinas e mesas redondas dedicadas ao tema ensino da sociologia. A experiência de contato com outros professores pode revelar um pouco da realidade do ensino de sociologia em vários estados. Como os professores costumam descrever suas experiências enquanto professores de sociologia? O senhor acredita que a disciplina esteja completamente consolidada no currículo? Por que? Quais os avanços e limitações o senhor aponta?

TOMAZI: A situação da sociologia no EM ainda é frágil, pois a maioria dos professores que ministram a disciplina não é graduada em Ciências Sociais/Sociologia. Além disso, ainda são poucos os concursos públicos para professores de Sociologia. Isso cria uma transitoriedade enorme. Este talvez seja o nosso maior problema a resolver para a consolidação da disciplina no EM.

Mas, ao mesmo tempo, a disciplina está se consolidando, pouco a pouco, principalmente com a presença de eventos em todas as regiões do país e com o trabalho de milhares de professores. Com a criação da ABECS – Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais – penso que teremos uma grande oportunidade de integrar todos os professores do EM aos das universidades interessados neste processo.

Mesmo assim, o que percebo, por onde passo, é que os professores de sociologia do EM estão muito animados, principalmente os mais novos, pois vêem a possibilidade de exercerem a sua profissão e também participarem ativamente na formação de milhares de jovens no Brasil. Nossos professores são muito criativos e encontram muitas soluções para incrementar o ensino da sociologia. Deposito a maior esperança neles, pois eles é que sustentam o dia a dia na escola. Nós das universidades podemos dar um grande apoio a eles subsidiando a sua prática.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: Alguns de nós tem acompanhado a criação da ABECS (Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais). O que é a entidade, quais são seus objetivos e qual foi a demanda que motivou sua criação? Discorra

também como anda a mobilização em torno da associação e o que os professores podem fazer para participar.

TOMAZI: A ABECS nasceu da necessidade de uma organização nacional para analisar, discutir e pesquisar especificamente a questão do ensino das Ciências Sociais e ao mesmo tempo congregar professores de todos os níveis para desenvolver este debate. O que motivou a sua criação é a situação marginal que, como disse acima, o ensino da sociologia, principalmente no EM, tem no interior das universidades e nas organizações nacionais das ciências sociais.

A organização da ABECS se dará por Unidades Regionais estaduais (poderá haver mais de uma UR em cada estado da federação) e é a partir delas que se organizarão as demandas e atividades desta nova organização.

Em breve, o site da ABECS estará no ar e assim todos os interessados, professores de todos os níveis, interessados nas questões do ensino das CS poderão inscrever-se como associados, conforme as categorias presentes em seu Estatuto.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: Como já foi mencionado, é comum profissionais de outras áreas lecionarem Sociologia. Atualmente está na eminência de ser transformado em Lei um Projeto de Lei (PL 1446/2011) dá exclusividade à docência de sociologia apenas para os que são formados em Ciências Sociais, Ciência Política e Sociologia.

Entre os profissionais da sociologia há uma polêmica em torno da criação de um Conselho Federal de Sociologia. Em 1997 foi apresentado o Projeto de Lei 3704/1997 que tinha como objetivo criar o Conselho Federal e Conselhos Regionais de Sociologia, o Projeto de Lei foi arquivado e retomado anos mais tarde na forma do PL 120/2001 e reoxigena a discussão em torno deste Conselho. Como o senhor analisa a criação desta entidade e qual o seu posicionamento em relação a sua criação?

TOMAZI: São duas as questões. A primeira eu defendo a exclusividade à docência de Sociologia aos formados em Ciências sociais/Sociologia. É uma questão de competência acadêmica e isso elevará o nível do ensino, principalmente no EM.

A outra questão é a criação do Conselho Federal e Conselhos Regionais de Sociologia. Estes deveriam ser criados quando da criação da profissão do sociólogo (Lei nº 6.888, de 10-12- 1980 e Decreto nº 89.531, de 05-04-1984) no período final da ditadura militar. Entendo que, se há uma profissão regulamentada, esta deve ter seus conselhos para fazer valer a lei e dar garantias a todos os sociólogos no país, incluindo aí a exclusividade da docência de sociologia.

A polêmica pode se estabelecer, porque os graduados em CS também podem ser antropólogos e cientistas políticos e para estes não há respaldo na legislação, por que não são profissões regulamentadas, apesar de existir na prática esta atuação profissional específica.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: O nosso tempo tem sido marcado pela velocidade da informação e pelo avanço da tecnologia. Mediante esse contexto, quais estratégias o professor pode se apropriar para ajudar a construir o pensamento crítico dos alunos?

TOMAZI: Com ou sem tecnologias e velocidade da informação uma das funções do professor é propiciar elementos e saberes para que os alunos possam desenvolver a análise da realidade em que vive de modo fundamentado e se possível crítico.

Hoje, com a presença da internet, os professores têm a possibilidade de acesso a livros (e-books) dos mais diversos autores, além de artigos, monografias, dissertações e teses acadêmicas, para complementar sua formação e se manterem atualizados. Além disso, há excelentes sites e blogs que possuem muito material à disposição além de trocas de experiências. Entretanto é necessário tomar cuidado, pois há também muita coisa ruim e sem fundamentação teórica adequada, mais baseada em palpites, ou na “achologia”.

Neste sentido, penso que a maior tarefa dos professores é ensinar seus alunos a discernir e escolher quais informações são importantes e consistentes para a formação

deles para este nível de ensino, pois existe muita coisa ruim na internet. Para que a informação possa se transformar em conhecimento é necessário saber escolher e assim acessar o que é fundamental e confiável, deixando o acessório de lado.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: Qual o diferencial da sociologia em relação às demais disciplinas do currículo e quais estratégias didáticas podem ser usadas particularmente pela disciplina para que esta cumpra os objetivos propostos nos PCN's?

TOMAZI: Penso que a volta da sociologia e da filosofia ao ensino médio, nacionalmente, trouxe a oportunidade de retomarem o seu papel extremamente importante na formação de nossos jovens, complementando as outras disciplinas. Não há diferencial específico, pois quando falamos em formação, e principalmente hoje em dia, todas as disciplinas e saberes são necessários para uma formação de qualidade. Neste sentido, os professores devem assumir esta tarefa, pois estamos formando pessoas que viverão todo o século XXI que trará muitas transformações sejam elas sociais, econômicas, políticas ou tecnológicas. E nossos alunos deverão ter ferramentas e saberes para poderem analisar estes fenômenos e se posicionarem frente a eles.

É necessário fazer uma retificação quanto à questão. Penso que os PCN's foram superados pela publicação das OCN's – Orientações Curriculares Nacionais – em 2006, e estas são as que devem ser levadas em conta pelos professores na formulação dos programas e no desenvolvimento destes em sala de aula. Quanto às estratégias didáticas elas são muitas, desde a leitura de livros e textos, até a utilização de música, charges, clipes, filmes.....e outras que vierem a se criar no cotidiano da escola, levando-se em conta as circunstâncias desta e os recursos que tiver à disposição.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: O perfil de formação do professor de sociologia é bastante variado. No Brasil, além de professores com formação diferente das ciências sociais, há também nos cursos superiores a licenciatura em ciências sociais/sociologia e o bacharelado complementado com mais um ano em

licenciatura. É mais importante para a disciplina que o profissional construa uma identidade em torno de professor ou em torno de sociólogo?

TOMAZI: A estrutura dos cursos de ciências sociais é muito parecida nos últimos 60 ou 70 anos. E a partir da década de 1980, penso que a orientação tem sido mais voltada para a formação de pesquisadores acadêmicos, com poucas e raras exceções, deixando a questão da formação do professor um tanto marginalizada. Só recentemente, com a mobilização pela presença da sociologia no EM é que se retomou a discussão sobre a formação do professor, mas ainda com poucas mudanças no curso de Ciências Sociais.

Neste sentido, e levando em conta, que ainda vivemos sob a égide do C. Lattes, a maioria dos professores dos cursos de C. Sociais não estão preocupados com a formação de professores, de tal modo que a situação persiste, deixando esta apenas aos professores envolvidos na formação de futuros docente para o EM, sempre com poucas e raras exceções.

Assim, defendo que deve haver uma formação específica de professores de Sociologia para o ensino médio, de tal forma que os futuros professores possam ter uma base teórica forte nas disciplinas de Sociologia, Antropologia e Ciência Política e uma melhor formação didática e pedagógica, desde o início de sua formação e não somente na parte final do curso. Assim, um curso de licenciatura, que pretende formar professores de sociologia, não deve ser formatado como cópia do bacharelado com mais disciplinas de cunho pedagógico, mas um curso totalmente novo.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: Mediante os vários problemas no ensino médio brasileiro, o MEC tem se engajado em agrupar as disciplinas por área do conhecimento. Que consequências tal mudança acarretaria para o ensino e, em especial, para o ensino de sociologia?

TOMAZI: Penso que este é mais um dos balões de ensaios onde se procura inventar soluções mágicas para o ensino médio brasileiro. Não é através de medidas como essa que se pode melhorar a formação dos professores. Se um dia esta proposta vingar não

vejo grandes problemas, pois a Sociologia, como está posto nas OCN's, é talvez a disciplina que melhor tem condições de dialogar com as outras disciplinas da área de humanidades, pois ela já o faz desde o seu nascimento, basta perceber isso em nossos autores clássicos. Com as disciplinas das outras áreas é possível manter o diálogo, pois afinal a realidade em que vivemos só é divisível em termos acadêmicos.